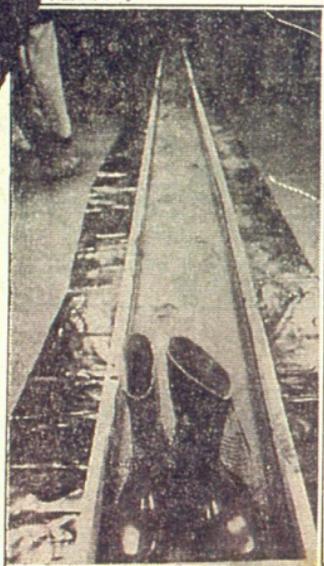


Rubens Onofre

Fotos Luigi Bongiovanni



O simbolismo também fez parte da festa

O olho do diabo

Ironizando os pacotes emitidos pelo Governo Federal, o artista-plástico e pioneiro realizador de vídeo-arte no Brasil, José Roberto Aguillar, *desempacotou* o MIS na abertura do 4º vídeo-Brasil, na última segunda-feira. Se alguém entendeu esse sentido no ato de Aguillar, limitou-se às coincidências do momento econômico em que vivemos. Na verdade, do alto de uma escada Magirus e com o auxílio dos bombeiros, a *performance* do artista, batizada de *antichristo*, era um ato contrário a outro artista plástico, o búlgaro Christo, que tem por hábito embrulhar grandes monumentos e pontes. Christo já *empacotou* uma ilha em Long Island, nos Estados Unidos, e algumas pontes de Paris.

Aguillar, o antichristo, que não tem nada que corresponda à visão satânica do personagem, provocou as reações mais inesperadas de bombeiros, repórteres de TV, jornal e do público que lotou o MIS para apreciar os movimentos do artista. Os bombeiros não entenderam a arte e reclamavam que alguns vidros do MIS tinham sido *pixados* com espuma de extintor. Os profissionais de TV e fotógrafos reclamaram, com alguma razão, de falta de luz e do horário para desembulhar

o museu. O público, em geral, adorou a *performance*. Aliás, Aguillar e os aficionados por vídeo são muito parecidos nas "loucuras produzidas". Alguns tipos presentes lembravam uma sucursal do bar Madame Satá, templo *dark* de São Paulo. Outros, profissionais liberais, gente de TV e produtores, estavam mais interessados no programa do festival do que em excentricidades.

Mas, elas continuaram em ritmo vertiginoso. O Mis, aberto e reformado totalmente, recebeu, logo em seu saguão principal, um corredor de cimento fresco com pegadas do artista Aguillar, que terminavam num par de botas vermelhas. Em frente ao corredor, uma betoneira exibia um monitor de vídeo, que transmitia os movimentos dessa máquina. Intrigante. Em outra sala, músicos tocavam piano e saxofone; num canto havia velas acesas, num pequeno altar. Talvez uma homenagem a algum santo protetor dos vídeo-maníacos.

No vídeo-bar, monitores exibiam produções de computador gráfico, as imagens alternavam-se ao infinito e o público consumia dezenas e dezenas de garrafas de vinho branco gelado. No segundo andar, outra surpresa de José Roberto Aguillar: uma retrospectiva de seu trabalho, intitulado. *O Olho do Diabo*, e um bolo imenso, que foi totalmente destruído.

Num emaranhado de cabos de televisão, luzes fortes e agitação, Aguillar conseguia estar inquieto e em constante movimento. A vídeo-grafia do artista, que é poeta, escritor, pintor, desenhista e gravador, foi organizada por Lucila Meirelles e Walter Silveira, e compreende o período de 1974 a 84. Se na televisão comercial, comprometida com a indústria, a atenção é muitas vezes distraída, na vídeo-arte de Aguillar, toda a atenção é indispensável. Para ele, vídeo-teipe é o olho do diabo. Mas também é o único que pode transmitir visões do paraíso. Na sua visão, o cinema é uma extensão do olho enquanto olho, e o vídeo é uma extensão do olho enquanto sistema nervoso do videomaker. Difícil? Para Aguillar é como se o realizador descobrisse o mundo pela primeira vez com olhos novos. Além das imagens, a linguagem sempre foi a sua preocupação, assim como procura integrar aos tapes a pintura e as *performances*, numa tentativa de diálogo eletrônico.

Para o *Titã*, Arnaldo Antunes, que participou com ele do vídeo *Sonho e Contra-sonho de uma Cidade* e nas *performances* da Banda Performática no Rio de Janeiro, o trabalho de Aguillar é uma antiaula. "Ele não tem obra acabada e pronta. Tudo é inquieto e em ebulição. Este é o antichristo".



Aguillar, que vê o vídeo-tape como o olho do diabo, inaugurou a amostra

